



A construção do conhecimento e de espaços pedagógicos na experiência em educação em agroecologia no IFRS, Campus Restinga, Porto Alegre, Brasil
The construction of knowledge and pedagogical spaces in the experience in education in agroecology in the IFRS, Campus Restinga, Porto Alegre, Brazil

MAIA, Ricardo Eduardo de Freitas¹; MÜLLER, Helena de Lima²; ALT, Júlio Picon³; FRIZZO, Rafael⁴; PEREIRA, Viviane Camejo⁵; BRACAGIOLI NETO, Alberto⁶

¹ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), ricardomaiaufpa@gmail.com; ² Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), helenalmuller@gmail.com; ³ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), julio.alt@gmail.com; ⁴ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), rafaeladaitapeva@gmail.com; ⁵ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), camejovp@gmail.com; ⁶ Professor Adjunto do Departamento de Horticultura e Silvicultura da Faculdade de Agronomia-UFRG e Professor Colaborador no PGDR/UFRGS, abracagioli@gmail.com

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: Esse resumo tem como objetivo apresentar alguns momentos e espaços do processo de ensino aprendizagem no curso de Agroecologia, IFRS, Campus Restinga, Porto Alegre, Brasil. Os dados são oriundos de observações e registros feitos durante estágio/docência realizado no período de 31 de julho a 12 de dezembro de 2018. A prática pedagógica utilizada consistiu em construir espaços de diálogo horizontal, através de metodologias participativas para que as pessoas contribuíssem de diferentes maneiras para a discussão agroecológica. A experiência foi riquíssima do ponto de vista educacional, onde os atores sociais contribuíram a partir de sensações e percepções que se coadunaram numa complexa teia de visões saberes e significados. Portanto, políticas públicas que possibilitam o acesso e permanência das pessoas no ambiente escolar, como o encontrado no IFRS, são essenciais, pois permitem a construção de espaços de aprendizagem e trocas de experiências de maneira horizontal e democrática.

Palavras-Chave: Diálogo de saberes; Educação popular; Alimentação; Cidadania.

Keywords: Knowledge dialogue; Popular education; Food; Citizenship

Contexto

A educação em agroecologia busca a reestruturação da construção e do compartilhamento do conhecimento. Nesse sentido, seu objetivo é a inversão da lógica da difusão de tecnologia (ROGERS, 2010), que impera desde a Revolução Verde e na qual os atores sociais são apenas recebedores de informação. De acordo com Caporal, Costabeber e Paulus (2009), duas orientações básicas são importantes: a comunicação horizontal e o enfoque pedagógico construtivista, assim, os atores sociais são capazes de produzir ações de desenvolvimento sustentável. A ideia central desta perspectiva pode ser encontrada nos trabalhos de Paulo Freire (2013a, 2013b) que trata do processo pedagógico como comunicativo onde os sujeitos envolvidos são, ao mesmo tempo, educadores e educandos. Portanto, a educação em agroecologia é contra-hegemônica, ou seja, suas políticas e ações atuam como resistência, sendo que pesquisadores/professores de institutos e



universidades, sobretudo federais, movimentos sociais e organizações da sociedade civil têm papel preponderante (SOUZA, 2017).

O ensino em agroecologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Restinga, ocorre através da oferta do curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio, Modalidade de Educação de Jovens e Adultos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica (PROEJA). Atende, prioritariamente, estudantes residentes no bairro Restinga, Zona Sul do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A comunidade foi formada na década de 1960 a partir da retirada de população, majoritariamente negra, da zona central da sede municipal.

No ano de 2017 foi iniciada parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS) e o IFRS, Campus Restinga, para que estudantes de mestrado e doutorado, com a supervisão de professores de ambas as instituições, atuassem como docentes em disciplinas do referido curso Técnico em Agroecologia. Esse resumo tem como objetivo apresentar alguns momentos e espaços em que esse processo de ensino-aprendizagem foi desenvolvido. Os dados apresentados são oriundos de observações, anotações e registros fotográficos feitos no período de 31 de julho a 12 de dezembro de 2018, ocasião em que os autores atuaram como docentes/estagiários nas disciplinas de Introdução à Agroecologia em Territórios Rural e Urbano e Vivências e Práticas Agroecológicas I, que tinham encontros presenciais nas terças e quartas-feiras, além de atividades extras em alguns sábados.

Descrição da Experiência

Durante as aulas foi possível observar que a maior parte dos alunos e alunas tinha ingressado no curso com o objetivo de concluir o ensino médio. Ainda, muitos não tinham contato com práticas agrícolas, pois moravam em apartamentos ou locais com pouco espaço para o cultivo. Mas havia, também, um grupo menor que já havia tido contato com atividades agrícolas, seja através de parentes, seja pela realização de atividades agrícolas como trabalhadores rurais, ou porque dispunham de hortas e plantio de frutíferas em suas casas.

Os desafios que se apresentaram inicialmente foram: o de propiciar o primeiro contato da turma com a temática, porque estavam ingressando no curso, e o de dialogar com seus saberes empíricos. A prática pedagógica utilizada consistiu em construir espaços para uma educação dialógica, no sentido proposto por Freire (2013b), em que o diálogo fosse desenvolvido de maneira horizontal, e as pessoas pudessem contribuir para a discussão agroecológica utilizando-se também de suas experiências prévias. Portanto, o uso de metodologias participativas como rodas de conversa, linha do tempo, atividades de grupo, práticas, mutirões, etc. permitiram reflexões essenciais.



Ao tratar sobre a construção do conhecimento a partir de experiências de educação do campo com enfoque agroecológico, Sousa (2017), destaca que são necessários: a participação dos atores sociais, ou seja, dentro de parâmetros da educação crítica e transformadora; diálogo de saberes; revalorização dos conhecimentos; geração tecnologias que não degradem o ambiente e sejam adaptadas aos contextos; produção de alimentos que sejam saudáveis; e visão transformadora da realidade das famílias camponesas.

No contexto urbano e periurbano encontrado na Restinga, e levando em consideração que os estudantes estavam recém iniciando o curso, a construção não poderia se restringir aos conteúdos discutidos em sala de aula. As atividades para além desta, como as saídas de campo, os mutirões e até a Feira da Consciência Agroecológica, que marcou o encerramento do semestre letivo, contribuíram para o avanço da turma nos saberes agroecológicos. Dentre as atividades citadas, algumas serão destacadas, pois podem ser profícuas para o debate agroecológico.

A primeira saída de campo, que teve como destino as áreas manejadas pelo Grupo UVAIA de agroecologia, no campus de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no dia 29 de setembro de 2018, foi o primeiro contato de muitos com área de plantio em Sistema Agroflorestal (SAF'S), com viveiro de mudas e com meliponicultura, por exemplo. A segunda visita pedagógica foi realizada na data de 01 de dezembro de 2018 no Assentamento Filhos de Sepé do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no município de Viamão, onde foi possível dialogar com os assentados e ver os sistemas de cultivo de hortaliças e de arroz orgânicos. Para além das práticas agrícolas, as viagens serviram para que os alunos entendessem a agroecologia de maneira mais ampla, e que apresenta ligações com o próprio processo de desenvolvimento. Assim como enfatizam Caporal e Costabeber (2004), na agricultura há processo social, e a mudança no processo técnico pode implicar em outras relações da sociedade com a natureza que podem interferir nos graus de autonomia das pessoas e, conseqüentemente, em sua capacidade de exercerem sua cidadania. No assentamento, por exemplo, foi relatado, por uma liderança, o processo de luta para ter o acesso à terra através de acampamentos e ocupações e os desafios de manter a reprodução social das famílias, após a conquista do pedaço de chão, de acordo com os princípios agroecológicos.

Outro momento importante foi a realização de mutirão de plantio na área do IFRS, realizado em 20 de outubro de 2018. Foram implementados cultivos de hortaliças e frutíferas, para os quais os participantes puderam contribuir com sementes e mudas. Os manejos foram realizados de maneira que cada um pôde compartilhar a forma como cultivavam as espécies trazidas. O espírito curioso e experimentador foi crucial para a realização da atividade.

Concomitante a essas atividades relatadas, os educandos e educandas realizaram trocas de mudas e sementes, muitas das quais demandadas a partir da socialização



de informações de cultivos, que tinham em suas casas, no grupo intitulado “Agroecologia” construído em um aplicativo de mensagens instantâneas. Essa ferramenta foi importante porque as dúvidas sobre as práticas de cultivos e eventuais problemas durante a realização eram socializadas. O reflexo foi que os discentes acabaram por utilizar espaços antes considerados insuficientes para a produção de alimentos, em áreas de cultivo que tendem a se tornar cada vez mais diversificados, à medida em que o processo tenha continuidade. No conjunto de fotos que segue (Figura 1), há vários exemplos da utilização do grupo como espaço de trocas e aprendizado.



Figura 1. Fotos de plantios e produtos cultivados por estudantes do curso de Agroecologia, comunidade Restinga.

Fotos: Liara Soares (2019), Alessandra Meireles (2019) e Jéssica Costa (2019)

Por fim, a última experiência que se complementa às outras foi a realização da Feira da Consciência Agroecológica, atividade final de avaliação da disciplina Vivências e Práticas Agroecológicas I. O momento foi aberto à comunidade, assim, familiares, funcionários e estudantes de outras turmas e cursos participaram do que estava sendo exposto e apresentado. A turma socializou experiências com a comunidade escolar, a partir de temas selecionados como a produção de mudas, plantas medicinais, plantas alimentícias não convencionais, vermicompostagem, espiral de ervas, reciclagem e reaproveitamento de resíduos, todos eles ligados ao que foi trocado de conhecimento durante o curso.

Resultados

A prática pedagógica agroecológica não deve ser entendida como a simples produção e difusão de conhecimento e tecnologias. A experiência agroecológica em curso no IFRS, campus Restinga, é riquíssima do ponto de vista educacional, onde os atores sociais contribuem a partir de sensações e percepções que vão se complementando numa complexa teia de visões saberes e significados.

É evidente que também houve desafios. O fato das atividades ocorrerem no período noturno e com pouca iluminação limitaram as possibilidades de mais aulas práticas. Muitas delas ocorreram no período de horário de verão para aproveitar a luz natural.



Muitos estudantes trabalhavam durante o dia e aos finais de semana o que também limitou para que houvesse atividades como os mutirões e saídas a campo aos finais de semana. Aconteceram também alguns debates no âmbito da discussão sobre gênero, já que a turma era majoritariamente de mulheres o que também desafiou os professores na condução destes debates. O acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) também foi um fator desafiante já que muitos alunos não tinham tempo ou não tinham acesso a recursos como computador com internet para realizarem os trabalhos solicitados. Embora parte da carga horária devesse ser completada por atividades a distância, alguns estudantes também não tinham muita prática com o uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem como o MOODLE, o que limitava o uso de ferramentas como fóruns de discussão entre outras. Nesse sentido a plataforma foi utilizada mais como um repositório de materiais digitais e vídeos.

No que se refere à principal temática da disciplina sob a qual a prática de ensino foi realizada: segurança alimentar e nutricional e o desenvolvimento, essas ações culminam em momentos ímpares para a comunidade como um todo, levando em consideração que a produção de alimentos e sua democratização contribuem para a resistência aos múltiplos desafios que enfrentam no cotidiano. Nesse sentido, as políticas públicas que possibilitam o acesso e permanência das pessoas no ambiente escolar, como o encontrado no IFRS, são essenciais. Em outras palavras, lá encontram possibilidade de desenvolverem espaços de aprendizagem e de trocas de experiências de maneira horizontal e democrática.

Agradecimentos

Agradecemos a comunidade do IFRS Campus Restinga pela acolhida. Aos professores do IFRS do Curso Técnico em Agroecologia e do PGDR/UFRGS disciplina DER360 que contribuíram na supervisão das práticas de ensino dos estudantes.

Referências bibliográficas

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: Alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER/IICA, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. ; PAULUS, G. . Agroecologia como matriz disciplinar para um novo paradigma de desenvolvimento rural. *In*:CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. (Org.) ; PAULUS, Gervásio (Org.) . **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. 1. ed. Brasília: , 2009. v. 1. 111p .

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013b.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares



ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. Simon and Schuster, 2010.

SOUSA, R. DA P. Educação em agroecologia: reflexões sobre a formação contrahegemônica de camponeses no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 69, n. 2, p. 28-33, 2017.